

PRISÕES INGLESA E METODISMO

FERNANDO WHITAKER DA CUNHA

Obra de um filantropo, nascido em 1726, que escreveu, também, “Principais Lazaretos da Europa,” (1789), “Estado das prisões na Inglaterra” (1777) contribuiu, mais que qualquer trabalho jurídico, para a humanização do tratamento dos encarcerados, consistindo um marco na ciência penitenciária, influindo na elaboração de sistemas penitenciários (o progressivo, por exemplo, de origem inglesa, modificado por Crofton, que dirigiu as prisões da Irlanda, “teve por objeto o aperfeiçoamento moral do condenado, através de sucessivas fases, paulatinamente alcançadas”, como observa o inestimável Basileu Garcia, em “Instituições de Direito Penal”, vol. 1, Tomo II, 2ª ed., p. 416) e demonstrando que, por vezes, a evolução do Direito é devida mais que aos juristas, à fecunda ação de pessoas solidárias, em graves problemas sociais.

Com efeito, filho de um tapeceiro que lhe deixou a fortuna, John Howard, feito prisioneiro no mar e tendo ficado algum tempo no cativo, compadeceu-se de tal forma do infortúnio dos prisioneiros, que dedicou sua nobre vida em mitigá-lo, percorrendo, por isso, quase toda a Europa, atento aos terríveis estabelecimentos penais britânicos, para visitar e conhecer prisões, lazaretos e hospitais, objetivando, por todos os meios a seu alcance, remediar a insalubridade desses estabelecimentos e dispensar a presos e enfermos, caridosamente, melhores cuidados.

Howard, nesse aspecto, antecedeu a penitenciaristas e a médicos como Pinel (1745-1826), chefe da clínica em Bicêtre e em Salpêtrière, que se preocupou com a maneira violenta com que eram tratados os doentes mentais, pondo fim às correntes que os prendiam e tratando-os com doçura.

O admirável humanitário inglês faleceu, em 1790, em Kerson, na Rússia, de febre maligna contraída na visita a um doente.

Morreu por aquilo que viveu. Homens como ele, escreveu o penalista

Lydio Bandeira de Mello, “devem ser colocados ao lado dos apóstolos e dos santos”.

A estátua ou estátuas que lhe foram erigidas devem se assentar nos corações e nas mentes daqueles que se ocupam das mesmas importantes questões que nortearam sua abnegada vida.

Foi enorme a ressonância de seus importantes escritos, em espíritos de diversas áreas, e um desses, sem dúvida, foi John Wesley (1703-1791) seu contemporâneo, fundador do Metodismo, cuja derradeira manifestação foi a carta que enviou ao então jovem e eloqüente estadista William Wilberforce (1759/1833), também um caritativo por seus sentimentos religiosos, estimulando-o em sua luta contra o tráfico de negros, que se inseria no contexto cultural de então, que impunha outro enfoque da escravidão, das prisões e dos hospitais.

Em Oxford, para onde foi após estudar em Islington, e onde liderara grupo de quinze jovens para o estudo regular da Bíblia, serviço cristão e orar (“Holy Club”) denominados, por isso, mas, ironicamente de *metodistas*, por outros estudantes anglicanos, certamente por reminiscência cartesiana, apesar do filósofo ter sido acusado, pelo teólogo Volt, de ateísmo, Wesley pregou aos prisioneiros da Prisão Bocardo, onde eram colocados a ferros, e, em 1735, acompanhado de seu irmão Charles, autor de hinos e poemas, deslocou-se, para a América, a convite do General James Oglethorpe, que fundara a colônia de Geórgia, devotado, entre outras causas filantrópicas, à reforma das prisões.

Não lhe foi suave a vida de missionário e, em 1738, envolvido num romance com Sophy Hopkey, filha de um prestigioso comerciante, que por sua indecisão casou-se com outro, Wesley (posteriormente, ele contrairia matrimônio, mas sua mulher desempenharia papel secundário em sua vida), talvez, inseguro de sua sinceridade, recusou-lhe o Sacramento, levantando inúmeros protestos, tendo que voltar para a Inglaterra (“a series of charges were brought against him and he had to escape from the colony”, escreve John A. Vickers, (“John Wesley, Founder of Methodism”), onde organizou sua seita, definitivamente, que se apartaria do anglicanismo, e cujas assembléias ou capelas receberam influência da seita dos Irmãos Morávios, da qual se aproximara na América, que tinha associação de tonalidade republicana, na qual aos interesses particulares se sobrepunham os coletivos.

Com os metodistas, que surgiram em conseqüência de ásperos contrastes sociais retratados por Hogarth e que se dividiriam em dois ramos (os que seguem Wesley e os adeptos de seu velho companheiro Whitefield, rígido calvinista, menos numerosos) começam a bem dizer as pregações públicas, que se iniciaram aos mineiros, em Bristol.

Em 1788, a nova capela de Wesley ao lado de sua casa, foi inaugurada, em Londres, na City Road, em frente a Bunhill Fields, onde estão sepultados sua dedicada mãe Susanna, John Bunyan, Daniel Defoe e William Blake. Em ambas se encontram importantes documentos do Metodismo, mas em sua casa chamam a atenção o modesto quarto em que expirou (seu sepultamento teve que ser feito de madrugada, por medo de inimaginável multidão), a saleta em que meditava, seus trajes, seu túmulo nos jardins, sua qualitativa biblioteca, com, entre outros, os livros de Tasso, William Penn (fundador da Pensilvânia e construtor de Filadélfia, aboliu a escravidão, celebrou tratados com os índios e deu aos colonos lúcida Constituição, de 24 artigos, que seria uma das bases da Constituição dos Estados Unidos), Penington e Goldsmith (os estudos históricos).

Homem de grande cultura, com múltiplos interesses intelectuais, que abrangiam, inclusive, a medicina, com volumosa produção, Wesley chegou a escrever valiosas anotações a Shakespeare, que foram destruídas pelo intolerante John Pawson, porque não cuidavam de assuntos religiosos.

Em frente a capela sua estátua, com inscrição que lembra a confraternização cristã, almejado por Arminius: "My World is my Parish."

John Howard e John Wesley, cujas vidas correram paralelas, produtos de uma sociedade injusta e decadente, lutaram contra uma superada mentalidade e semearam idéias das quais até hoje nos nutrimos.